ADÓNIS

No centro de Lisboa, o restaurante estava cheio, pelo que foi uma sorte conseguirem reserva para sete apenas com um dia de antecedência. Todas aguardavam a chegada de Mel, que viria acompanhada pelo recente namorado, com quem estava há três meses. Nas últimas semanas, o grupo de amigas cansara-se de ouvir Mel elogiar aquele homem, que exageradamente parecia caído do Céu.

— Força-nos a vir aqui e ainda nos faz esperar. Típico da Mel — rezingou Catarina.

— Não me digas que estás com pressa para ir trabalhar noutro processo? — provocou Júlia, sempre sem filtros, contrariando a tendência que normalmente tinha para ser a apaziguadora de conflitos. Júlia chegara acompanhada por Paloma, uma vez que esta era a única que não conhecia as restantes amigas dela. Paloma só conhecia Júlia e Mel.

— Não tens noção da papelada sobre a qual ainda tenho de me debruçar! Hoje farei mais uma noitada. Tenho trabalho até aos cabelos — devolveu Catarina, sempre racional e em contrarrelógio.

— Muito gostas tu de dizer que estás sempre ocupada — provocou Jéssica, pendurando cuidadosamente a mala *Prada* nas costas da cadeira. — Já te deste conta de que todas nós temos ocupações?

— Foi só um desabafo — desvalorizou Catarina.

— Pareceu-me mais uma competição — continuou Jéssica, mantendo o ar sereno.

— Competição? — retorquiu Catarina, erguendo o sobrolho. — Porque haveria de ser competição?

— Para ver quem está mais ocupada… Como se o facto de teres um horário frenético te fizesse superior a qualquer outra pessoa — disse Jéssica. — Estar sempre ocupada não é sinónimo de ser melhor, sabias? Na verdade, acho até que é exatamente o contrário. Mente sã, mente sábia. Mente livre, mente capaz de absorver novas aprendizagens.

— Bem, não vamos por aí — apaziguou Júlia. — O importante, hoje, é colocarmos a conversa em dia e… bebermos também um pouco — gracejou, erguendo um copo.

Luísa, elegantemente vestida, e por norma mais calada, só então se pronunciou:

— Como é possível que não sintas falta disto?! — suspirou Luísa, encarando Catarina.

— Do quê?

— De estarmos juntas. Destas poucas oportunidades de convívio que temos tido nos últimos anos. Fico em pulgas sempre que nos vamos reunir — respondeu Luísa. — Ser mãe faz-nos sonhar com uma cama a tempo inteiro.

— Eu também sonho com uma cama a tempo inteiro, mas para outros fins! — disse Jéssica, sorrindo com malícia.

— Isso é porque estás solteira e sem filhos. Há dias em que me sinto um campo de minas prestes a explodir à mínima pressão. Enfim, já nem me recordo do último dia em que saí com vocês — continuou Luísa, que, à exceção de Paloma, era a única com filhos entre as mulheres daquele grupo.

— Isto não é uma saída. É apenas um jantar… para conhecermos o Brad Pitt, ao que parece… — gracejou Catarina.

— Acreditam mesmo que ele é assim tão perfeito? Segundo diz a Mel, ele tirou-lhe o chão de um modo arrebatador. Que é lindo, é. Eu vi as fotografias que ela postou nas redes sociais. Será que é tudo o resto que ela descreve? — interessou-se Luísa.

— Em breve, saberás. Ela enviou-me mensagem a dizer que estão a estacionar — avisou Júlia, digitando, com o polegar, uma resposta no telemóvel.

Foram petiscando as entradas. Por mais tempo que estivessem sem se verem, todas se conheciam suficientemente bem para lerem os pensamentos umas das outras.

Catarina, ainda que aquelas fossem as suas únicas amigas, não tirava os olhos do relógio, antevendo e temendo que, dali a várias horas, teria de fazer mais uma direta, a fim de ter tempo de ler todo o processo do novo cliente. Fora através da sua dedicação e esforço que chegara à direção de risco de uma instituição bancária multinacional. Determinada e inteligente, abdicara de muito para obter aquela independência. Estava, finalmente, para se casar, depois de anos a adiar devido às prioridades profissionais. Mesmo sedenta de tempo, encontrava sempre forma de estar com as suas fiéis amigas. Apesar do modo calculista de ver o mundo, era extrovertida e estava sempre pronta para uma festa.

— Precisas de te aventurar mais, explorar outras motivações. A vida não é só trabalho — aconselhou Luísa, sentindo a preocupação de Catarina.

— É exatamente por isso que me dedico tanto ao trabalho. Como posso querer explorar e aventurar-me mais se não tiver independência para tal?

— De todas nós, és a única que deve ter um bom pé de meia — gracejou Jéssica.

— Não tenho a mesma sorte que tu: viajar pelo mundo gratuitamente, enquanto trabalhas como assistente de bordo — retorquiu Catarina, agitada, mas mantendo a boa disposição.

— A Jéssica tem outras prioridades — sorriu Júlia. — Já perdi a conta às cirurgias estéticas que fez. Sabem que mais? Todas valeram a pena. Não há lugar por onde ela passe que não faça cair o queixo dos homens.

— Bem-vindas ao meu mundo! — gracejou Jéssica, sentindo-se confiante e esbanjando vaidade. — Tenho tudo no sítio, não posso queixar-me.

— Já eu não posso dizer o mesmo, depois de dois filhos. Agora sim, sinto o verdadeiro peso da gravidade: nas mamas! — rematou Luísa,

vitimizando-se, como habitualmente. — Para me sentir ainda mais deprimida, olhem quem vem lá… a nossa amiga modelo…

— A Barbie e o Ken! — brincou Catarina, vendo Mel entrar no restaurante de mãos dadas com o namorado.

Todas fixaram o olhar naquele casal, que parecia saído da capa de uma revista. Mel era linda, sempre o fora. Não era por isso de estranhar que uma agência de modelos se tivesse interessado por ela ainda nos tempos de escola. Era alta, magra, loura, de lábios carnudos e rosto exótico. A seu lado trazia alguém que lhe realçava a beleza e fazia girar ainda mais olhares na sua direção. Artur era também atraente e alto. Os seus olhos verdes destacavam-se na pele morena, assim como a sua dentição branca e alinhada. Nada que as surpreendesse, sendo ele o fundador de uma rede de clínicas dentárias. Vestia uma camisa que lhe acentuava a musculatura, e toda a sua roupa, percebia-se, fora escolhida com brio e elegância. Quando se aproximou, rasgou um sorriso que as deixou, a todas, de queixo caído. Surpreendeu-as quando demonstrou saber os nomes de cada uma delas, bem como as profissões.

O olhar que aquele casal trocava entre si refletia amor, ternura, desejo. Artur desviou a cadeira para a namorada se sentar e depois tratou de encher todos os copos, já meio vazios. Mel sentara-se na ponta da mesa, ao lado de Artur. Tão perto um do outro que pareciam quase dispostos a partilhar o prato e os talheres. A certa altura, a mala de Mel caiu do encosto da cadeira para o chão, e Artur colocou a mão na quina da mesa a fim de evitar que ela magoasse a cabeça ao erguer-se depois de a apanhar. Todas se entreolharam, constatando o gesto, ainda que nenhuma se tenha pronunciado. Renderam-se às evidências: se aquele não era o homem perfeito, era o que disso mais se aproximava.

Artur, além de bonito e rico, era empático, carismático e sociável, demonstrando interesse em saber mais sobre cada uma daquelas mulheres.

Mel contou que Artur não se cansava de a surpreender com atos de romantismo, demonstrações de amor e humildade. Ele arrebatara-lhe o coração, logo a ela, tão seletiva com os homens. Mel já lhe conhecera inclusive a família, da qual só dizia maravilhas. Fora muito bem recebida por todos, menos pela sogra, segundo parecia contar. Sempre sonhara casar cedo e ter filhos depressa, contrariando o sonho

de muitas das suas colegas modelos. Contudo, tivera poucas relações amorosas, quase sempre por sentir que eram apenas a sua beleza e corpo que interessavam aos homens. No início da sua vida adulta, começou desde logo a participar em desfiles e eventos, conhecendo muita gente, incluindo celebridades, ainda que fizesse sempre questão de proteger-se, para evitar criar laços afetivos. Num desses eventos, contudo, conheceu Artur, também ele convidado para a inauguração de um hotel de luxo. A empatia entre ambos foi imediata, e desde o primeiro segundo não deixaram de se falar. Ele foi atencioso, elegante e de uma confiança à qual ela não estava habituada. Isso atraiu-a.

Entre travessas de comida e copos de sangria, as amigas deram por si a falar descontraidamente, tal como o fariam se estivessem sozinhas, apesar da presença de uma figura masculina.

Catarina falou sobre os preparativos do casamento, os quais tinham sido tratados por alguém que ela contratara. Jéssica, a assistente de bordo, entusiasmara-se a falar nas viagens que fizera aos mais diversos destinos exóticos, os quais Artur também conhecia. Paloma manteve-se reservada, não só pelo pouco que tinha viajado, devido às suas condições financeiras, mas também porque queria deixar que a sua amiga Mel brilhasse e lhes contasse tudo sobre o início daquela relação. Luísa, mais tímida, permaneceu ainda mais recatada, deslumbrada com todas as conversas e novidades.

— Vê-los assim, tão apaixonados, traz-me nostalgia dos tempos do secundário — suspirou Luísa.

— Do secundário? Da faculdade, não? — devolveu Júlia.

— Como queres que ela sinta saudades de um tempo que passava a estudar, fechada em casa, ou a namorar com o marido? — provocou Catarina.

— Foi uma opção dela. Enquanto todas optámos pela diversão, Luísa encontrou o amor mais cedo e tirou proveito dele — atenuou Júlia.

— Tanta abdicação numa fase tão jovem, e para quê? Será que valeu a pena?! — insistiu Catarina. Júlia abriu os olhos, procurando chamá-la à razão, mas Catarina continuou: — Sejamos sinceras, afinal é para isso que servem as amigas. Por vezes não sentes que estão juntos por força do hábito e das circunstâncias? Olha em volta, a

quantidade de vida que desperdiçaste na tua juventude… Vais continuar a querer desperdiçá-la?

Paloma retraiu-se ao ouvir o comentário, mesmo sabendo que não era para ela.

— Ela tem razão, Ju — concordou Luísa. — Amo muito o meu marido, e sei que ele também me ama. Mas, às vezes, sinto-me tão sozinha e tão afastada de tudo e de todos. Sinto até que só sei conversar com vocês. Parece que não encontro temas para falar com mais ninguém. Só falo sobre os meus filhos.

— Então, o que tanto te prende? — quis saber Jéssica, deixando suspensa a conversa que mantinha com Artur. Apercebendo-se de que Luísa ficara envergonhada por ser agora o centro das atenções de Artur, Jéssica continuou: — Vá lá, não te acanhes, Lu. Estamos entre amigos — insistiu, olhando para ele.

— Amigos, não confidentes. Não é, Lu? — devolveu Artur, erguendo-se da mesa para lhe dar privacidade. — Vou pedir a degustação de sobremesas para todos. Conversem à vontade.

Um silêncio instalou-se quando Artur se afastou. O olhar de todas acompanhou-o até ele se encostar no balcão.

— A sério? — sussurrou Júlia, admirada com o gesto daquele homem. — Ele foi mais educado e gentil do que tu, Jéssica.

— Pff, não entendo a razão para tanta vergonha — desvalorizou esta, referindo-se a Luísa e revirando os olhos.

— Espero que um dia, após tantos anos de casada como eu, venhas a queixar-te do mesmo que eu e não mais do que isso — desabafou Luísa, encarando Catarina. — Em breve irás casar e, daqui a uns tempos, irás entender o poder do hábito e da convivência.

— O poder da acomodação, diz antes assim — retificou Catarina, num tom empertigado.

— Agora que já fizeste o namorado da Mel retirar-se, vais responder-me, Lu? O que tanto te prende nessa relação? — insistiu Jéssica.

— O que me prende é aquilo que vivemos e construímos juntos. Como disse, ainda que não tivesses escutado, ainda amo muito o meu marido.

— Ah! Tens preguiça de começar tudo de novo? Quem tem medo de finais é porque se esqueceu de como são épicos os inícios — arriscou

Catarina. — Eu bem te avisei de que não deverias desistir da tua carreira profissional.

— Estás enganada. Não me arrependo um único dia de ter largado o meu emprego. Hoje posso dizer que sou uma mãe presente e feliz.

— Feliz como mãe. E como mulher? — quis saber Júlia.

— Ambas. Sou uma mulher feliz, realizada.

— Então de que te lamentas? — interrogou Jéssica.

— Não estou a lamentar-me. Odeio-o quando me deixa sozinha, mas amo-o ainda mais por ir nessas viagens de trabalho… por sustentar a nossa família. Já vivi muitos momentos com o Leonardo, só gostava de ter tido mais aventuras com ele.

— Como queres ter aventuras se não tens audácia para tal? — observou Júlia. — Ainda no outro dia sugeri acompanhar-te a uma *sexshop* para comprares um *dildo*, a fim de te entreteres quando o Leonardo se ausentasse a trabalho… Recordas-te do que me disseste?

— Mantenho a opinião. Não procuro um motor de prazer, mas um homem com quem possa acumular experiências. Com quem possa dialogar e partilhar emoções — clarificou Luísa.

— Na verdade, podes acumular experiências com um vibrador. Acredita que ele te escuta mais do que muitos homens — brincou Jéssica. — Falo por experiência própria.

— A sério que vão continuar a debater sobre os meios com que obtenho prazer? — inquietou-se Luísa, procurando manter a compostura.

— A Lu saberá melhor do que ninguém do que gosta. Se aguenta ficar sem sexo durante as ausências do marido, é algo que não tem de nos causar estranheza — disse Mel, aliviando os ânimos, enquanto procurava o namorado com o olhar.

— Ah, sim! Dizes isso porque agora tiraste a barriga da miséria. Tens um Adónis aos teus pés — ironizou Jéssica.

— E insaciável. Além de lindo, sabe cozinhar como ninguém, quer ter quatro filhos, e é habilidoso em tudo. Ele é incrível, não acham? — perguntou Mel, apaixonada.

— Temos de nos render às evidências — concordou Catarina, soltando uma gargalhada.

— Aproveita, amiga. Um amor tem de ser vivido. Quero é que sejas feliz — encorajou Paloma.

— Vamos mudar de assunto. Não quero que ele se sinta excluído quando regressar — pediu Mel. — Sabem qual foi a última surpresa que me fez? Uma viagem à Tailândia! Só porque lhe disse que adorava conhecer o Lebua at State Tower.

— Deus do Céu! A Barbie e o Adónis vão de férias para a Tailândia! — animou-se Júlia.

A partir dali, a conversa desenvolveu-se em torno daquela viagem. Enquanto todas se demonstraram entusiasmadas com o tema, Artur sentiu-se desconfortável por esse ser agora o foco, uma vez que também ele fazia questão de saber mais sobre as amigas de quem ele mais amava.

— Ciúmes, não tens, Artur? — soltou Luísa, a meio de uma conversa que fora encaminhada para uma série de elogios a Mel.

— Da Mel? — devolveu, levando Luísa a confirmar com um aceno de cabeça. — Não. É um facto que ela é linda, mas só poderia ter ciúmes se não me entregasse a ela como me entrego. Dou sempre o meu melhor. Se um dia ela quiser trocar-me por outro, saberei que a culpa não foi minha. Não guardarei arrependimentos… Afinal, fiz tudo por ela.

Todas ficaram enternecidas com a resposta, sábia e elegante. Após uns instantes calados, rompidos apenas pelos barulhos de fundo do restaurante, Mel beijou-o nos lábios e Júlia encorajou-se a romper o silêncio que se instalara.

— Uau! Não diria melhor! — disse Júlia, esboçando um sorriso genuíno. — Não há dúvida de que esse é o melhor caminho para nos sentirmos realizados. Passamos demasiado tempo a lamentar aquilo que não temos ou a desejar ter de volta aquilo que perdemos. Deveríamos valorizar mais… mesmo os pequenos momentos, como este, em que estamos aqui todas reunidas após tantos anos de amizade.

— Talvez devesses valorizar mais aquilo que tens em casa. Não é fácil mantermo-nos atraídas por um homem ao fim de tanto tempo — sussurrou Catarina, provocando em Júlia um sorriso amarelo.

— Assino por baixo. Dar valor àquilo que temos, antes que nos escape por entre os dedos — reforçou Paloma, relembrando-se do seu antigo amor.

— Despedida de solteira, não vai haver, Catarina? — quis saber Mel.

— Achas que tenho tempo para essas coisas? Queria muito uma despedida de solteira com todas vocês, mas para ser um jantar podemos fazê-lo qualquer outro dia. Sabes como sou… gostava de algo em grande. Se é para ser uma despedida, queria ter tudo a que uma solteira tem direito — sorriu, animada com a perspetiva. — Mas como não tenho tempo para pensar nisso… Além do mais, algumas de vocês raramente estão por cá.

— Ele vai ter? — apressou-se Jéssica a perguntar.

— O Rui? Sim, uma noitada com os amigos.

— Isso não é justo. Deixa connosco, nós tratamos do assunto — predispôs-se Júlia.

— Ouçam, eu não quero fazer um jantar nem uma saída à noite para no dia seguinte acordar com uma enxaqueca e não conseguir ter cabeça para trabalhar seja no que for — avisou Catarina. — O que tenciono terá de ficar para depois… quando tiver férias para fazer algo na dimensão que pretendo.

Concluído o jantar, Artur pagou a conta. Dinheiro não era problema para ele.

— Não é justo que pagues a conta de pessoas que acabaste de conhecer — salientou Luísa.

— Ora essa, é um prazer. Assim como foi um prazer conhecê-las — devolveu ele, já entregando o cartão ao empregado.

— No que me toca, agradeço o gesto — rematou Júlia, rasgando um sorriso. — Fico feliz por saber que a minha amiga está em boas mãos.

JÚLIA

Júlia acumulara muitas aventuras. Se havia alguém que provava o verdadeiro sabor da vida, era ela. Não era pervertida, tão-pouco instável. Sabia, apenas, muito bem o que queria e aquilo de que gostava. Seguia os instintos e tirava o genuíno prazer de cada momento.

Não tinha a beleza de Mel, nem o cirurgicamente adquirido corpo de Jéssica. Contudo, era vistosa e tinha um sorriso resplandecente. Tinha a pele morena, quase tão escura como o cabelo, que tingia com *nuances* claras, conferindo-lhe luminosidade. Os olhos eram verdes, transmitindo a esperança que parecia andar-lhe sempre na alma.

Por mais amigos que tivesse, e por estável que se sentisse, sonhava ainda assim encontrar alguém que a completasse em todos os aspetos. Vivia com Rodrigo, um homem atraente e de boas intenções. Sexualmente não podiam ser mais compatíveis, porém, nos últimos tempos, Júlia dava por si a procurar nas diferenças entre eles uma motivação diária, além do sexo. Queria alguém que lhe arrebatasse o coração e a mente. Desejava sentir por Rodrigo uma química também intelectual. Não era ingénua ao ponto de ainda acreditar num conto de fadas, mas tinha esperança de que pudesse ter o melhor dos dois mundos: um homem que a completasse tanto sexual como mentalmente. Desejava que o poder da mente fosse mais forte do que a atração física. Tinha consciência de que a vitalidade e a jovialidade um dia se evaporariam. Já a avó lhe dizia: «Casa-te com um homem

que te ouça e saiba dialogar. Quando fores velha, será isso que te resta.»

Com o passar do tempo, as conversas iniciais entre eles, antes interessantes, deram lugar a monólogos e a partilhas básicas de informação.

Júlia trabalhava no departamento de *marketing* de uma multinacional e adorava o que fazia. Criar, inovar e interagir eram coisas que lhe davam prazer. Era independente, audaz, e a sua mente fluía com ideias. Não perdia tempo com detalhes, mas tinha consciência de que era neles que se marcava a diferença. Apreciava e valorizava os jovens empreendedores, e já havia ponderado tornar-se empresária. Os clientes gostavam dela e escolhiam-na para coordenar projetos. Tanto trabalhava numa linha de cosméticos como numa campanha de viagens, ou até no lançamento de um automóvel. A variedade das marcas permitia-lhe aprofundar conhecimentos e experiências em áreas distintas, assim como estudar a concorrência. Isso dava-lhe uma bagagem enorme de diversos mercados. Já Rodrigo, o seu companheiro, trabalhava na área financeira. Nunca chegaram a casar, mas viviam juntos há anos.

Júlia amava a vida, levando com ela uma boa energia que contagiava os demais. Lamentava não conviver mais com as amigas, mas a vida de casada e as exigências do trabalho não lhe davam tempo. Ainda assim, mesmo que não tantas vezes quantas as que desejava, aproveitava as personalidades marcadas e diferenciadas de cada uma das suas amigas para quase tudo o que lhe acontecia. Quando pretendia partilhar uma aventura ou uma ousadia mais picante, evitava fazê-lo com Luísa. Se pretendesse falar sobre as tentativas falhadas de engravidar, procurava Paloma, ainda que não fosse para ela um tabu assumir a sua infertilidade. Quando precisava de aconselhamento sobre uma estratégia de negócio, recorria mais facilmente a Catarina, que acompanhava os mercados na bolsa e sabia sempre onde e quando se deveria aplicar dinheiro. Já Beatriz ou Mel eram as amigas certas para praticar desporto.

Conhecia muitas pessoas através do trabalho, mas eram relações estritamente profissionais, nas quais mantinha distâncias e formalidades. Nunca se esquecia de que as saudades de estar com as amigas eram apenas uma prova do quanto ainda eram unidas. Júlia via nessas

saudades, nessas faltas, também uma certa vontade, um ímpeto, uma ânsia e a certeza de estar viva, algo que tanto lhe agradava.



Depois de na noite anterior ter ido jantar com as amigas, tendo conhecido o novo namorado de Mel, naquela manhã estava decidida a fazer horas extra no trabalho, ao final do dia. Voltaria a chegar tarde a casa, ainda que por um motivo diferente.

Depois de trabalhar cinco horas seguidas, pausando apenas quinze minutos durante a manhã, foi almoçar com alguns colegas… Era um convívio agradável. Ainda que Júlia não gostasse de expor a vida pessoal, já havia conquistado alguma informalidade em ambiente profissional.

Uma das colegas, já preparada para levantar o tabuleiro do almoço, avistou o novo diretor financeiro de um dos setores industriais a entrar no refeitório, resolvendo assim voltar a sentar-se.

— Repararam que a Raquel anda muito maldisposta? — começou Sofia, colega de Júlia.

— Diz-se que andava metida com um funcionário do setor do grande consumo — devolveu outra, interessada na fofoca.

— Ah, sim, o Miguel. Porém, parecem distantes ultimamente.

— Vejo que a vida pessoal de Raquel tem mais importância para vocês do que a vossa para ela — realçou Júlia.

— Ao menos o novo diretor parece simpático — elogiou Sofia, mudando de assunto e erguendo o olhar para o homem que acabara de entrar. — Parece-me gentil e nada autoritário, ao contrário do nosso diretor.

— São sempre gentis quando veem um rabo de saias — gracejou Leonor.

— Não parece desses. O doutor Jaime é casado e já tem um filho adolescente. Além disso, tem um ar humilde e simples.

— Desde quando isso é impedimento para serem uns safados? — retorquiu outra.

— Cristo! Vocês precisam de sair mais. O mundo não acaba neste edifício — interveio Júlia.

— É fácil dizeres isso quando tens em casa um borracho de um metro e noventa — sorriu Sofia, bem mais confortável com Júlia. — Eu bem o vi, naquele dia em que ele veio buscar-te.

— Entendido… já percebi que nada vos escapa. — Júlia levantou-se e preparou-se para regressar ao gabinete.

— Doutora Júlia, gostava de lhe dar uma palavrinha — pediu Filipe, envergonhado.

— Nós saímos num instante — apressou-se Sofia, mais interessada em atualizar cusquices. — Aproveitem para conversar aqui, longe dos mil pares de ouvidos do escritório.

Todos se retiraram. Alguns juntaram-se à volta de outra mesa para beber café. Quando Júlia e Filipe ficaram sozinhos, ele retomou o assunto.

— Espero que esteja contente com o meu desempenho, doutora Júlia — encorajou-se Filipe, um dos gestores de produto, que ambicionava ser promovido. — Falhei. Sei que a apresentação com o último cliente não me correu como previámos, mas…

— Filipe, em primeiro lugar: não nos correu, ao invés de «não me correu». Somos uma equipa, lembras-te? — disse, ainda que ela preferisse trabalhar sozinha. — Em segundo, é legítimo que o cliente tenha exigido respostas a algumas dúvidas… Afinal, o valor que investiram neste projeto foi muito alto.

— Eu deveria ter-me preparado melhor. O nervosismo apoderou-se de mim. Deu-me uma branca e…

— Não tens de te sentir culpado. Todos sabemos que aquele homem é intragável — tranquilizou-o, levando-o a erguer o rosto, surpreendido. — Não precisamos de esconder… Aquele homem faz sempre isso, basta estar perante um estagiário ou alguém com menos experiência para se aproveitar da situação. Suga as pessoas com perguntas até que percam qualquer capacidade de argumentação.

— Sim, eu percebi. A doutora Júlia ainda tentou intervir por diversas vezes, mas ele nem permitiu. Por muito que me esforce, já não sei o que fazer! De que outra forma poderia eu ter reagido para que ele se focasse noutro objetivo que não o de me mandar abaixo? Ele estava sempre a contrariar-me.

— É um conselho que me pedes? — Filipe confirmou com um aceno de cabeça, e Júlia continuou: — Quando pretendem que mudemos de opinião ou de crenças, temos de ser firmes o suficiente para que a nossa vontade não seja alterada pela pressão de um outro. É como adorarmos um filme de que ninguém gosta. O mesmo acontece nas apresentações. Quando acreditas na estratégia de *marketing* que apresentas, então só tens de te colocar na posição do cliente. Qual o objetivo dele? O que o levou a procurar-nos? Antes que ele te pergunte o que quer que seja, dá-lhe resposta às inseguranças. Não comeces por lhe vender ideias, apresenta-lhe antes os possíveis lucros e benefícios. Mantém-te firme e seguro, sempre. Assume a postura de líder. Não te deixes influenciar se não te identificares com o que ele diz.

— Sou só um gestor de produto. Basta ele querer e parece que sou obrigado a calar-me.

— Funções todos temos, mas perfil e personalidade não se contabilizam por anos de experiência. Gestor é só um nome, assim como diretor. Tens tudo para seres um excelente coordenador de projeto — elogiou-o Júlia, sabendo que era isso que ele procurava. — Só precisas de ser mais seguro. Confia em ti e impõe-te.

— Isso não seria arriscado? — temeu, mas já sorrindo.

— Tudo é arriscado.

A conversa acabou e Júlia regressou ao escritório.

JÉSSICA

Jéssica precisava sempre da atenção da plateia. Sentia-se maravilhosamente no papel de anfitriã de qualquer festa. As amigas chamavam-lhe egocêntrica. Talvez o fosse, afinal pensava sobretudo nas suas necessidades e desvalorizava bastante as opiniões alheias, mesmo que as compreendesse. Não gostava de prestar contas a ninguém e tinha uma autoestima tão grande que a levava a desinteressar-se dos demais.

Abria o coração apenas quando se distraia. Era cautelosa com os sentimentos, evitando magoar-se. Chamava a atenção dos homens como ninguém, mais até do que Mel, de longe a mais atraente das amigas. Jéssica queria tirar proveito do que a vida lhe dava, mas fechava-se em copas na hora de se entregar a alguém. Não tinha intenções de se apaixonar e muito menos de perder a liberdade. Não precisava de homem algum que lhe fizesse sombra. Na verdade, até agradecia que não se aproximassem, a não ser quando ela assim o desejasse. Chegava a namoriscar alguns, ainda que em meras relações casuais e sem futuro. Vivia o momento, sem intenção de trazer mais gente à sua vida. Aquela era, talvez por isso, a profissão que melhor lhe assentava: assistente de bordo. Vivia a vida como vivia as relações: visitas intensas, nos mais variados destinos, sem querer permanecer num único sítio.

Nunca se envolvera intimamente com colegas de trabalho. Separava bem a vida pessoal da profissional, ainda que criasse laços com várias assistentes de bordo, nomeadamente Susana, que, como ela, procurava intensamente a diversão.

Os seus lindos olhos azuis eram uma imagem de marca, foco constante de atenção. O seu corpo e aparência atraíam, davam-lhe um ar audaz de extroversão que, em momento algum, devia confundir-se com simpatia. Ademais, mantinha sempre o tom de voz muito *tiazucho*, distante e seleto, quando falava.

Se o seu físico atraía, a sua postura, por mais divertida que fosse, não era empática. Jéssica encarava a retração dos outros, que ela própria provocava, como inveja ou vergonha. Vivia num mundo de ausências, físicas e emocionais. Não tinha um ninho fixo, viajando de galho em galho. Queria viver livre, sem amarras. Sem nada que a fizesse hesitar nas decisões.

Num voo de regresso do Dubai, conversara com uma das suas colegas sobre os planos que tinha para a despedida de solteira da amiga Catarina. Após o jantar com as amigas, tinham trocado mensagens e conversado ao telefone sobre a possibilidade de viajarem juntas umas semanas antes do casamento de Catarina e Rui. Todas se demonstraram entusiasmadas com a ideia, ainda que nenhuma parecesse convencida de que tal seria possível.

Mel recusara de imediato o convite, alegando que iria para a Tailândia com Artur e que não tinha intenções de se afastar dele nem por um dia, quanto mais por uma semana. Jéssica conteve-se para não lhe responder. Aquela paixoneta aguda dava-lhe enjoos e por pouco não lhe desligou o telefone na cara, de tanta irritação. Algo que não foi necessário, uma vez que escutou os risinhos de Mel quando, provavelmente, Artur se aproximara dela. Era evidente que aquela não era a altura certa para falar com a amiga. *Mas quando será a melhor altura para eu falar com ela? Fico enjoada, só de pensar nestes dois!* Os dias de Mel eram agora passados com o novo namorado, parecendo não ter olhos para mais nada.

Mel apoiava-a na ideia de irem para Las Vegas comemorar a despedida de solteira de Catarina, aproveitando a oportunidade de um voo

que Jéssica em breve iria realizar. No entanto, rejeitou o convite. De certa forma, Jéssica sentiu-se aliviada. Não lhe agradava viajar ao lado de uma amiga saudosista do namorado, quando o suposto era viverem uma semana de diversão entre amigas. Mel ainda sugeriu levar Artur, mas o silêncio de Jéssica respondeu-lhe.

Também não se surpreendeu com a resposta de Luísa, a qual, após ter colocado mil e uma questões sobre os detalhes da futura viagem, deu outras tantas desculpas para justificar a decisão de não ir. Ainda que Jéssica soubesse que Luísa tinha filhos, não conseguia entender a recusa. Seria uma oportunidade única para Luísa se divertir e se afastar da rotina da qual tanto se queixava. Porém, Luísa não pretendia estar longe dos filhos e, segundo ela, queria aproveitar os fins de semana para estar com o marido.

Aquela viagem estava destinada a não se concretizar, assim lhe parecia. Por muito que gostasse das amigas, Jéssica não iria viajar sozinha com Catarina. Tinham personalidades muito contrastantes, ainda que aparentemente parecidas. Evitavam partilhar confidências entre elas, e nem estariam à vontade para alimentar conversas num quarto de hotel durante uma semana.

Restava-lhe Júlia como esperança, a qual ficara de lhe dar resposta ainda naquela semana, querendo apenas ter a confirmação da autorização das férias e certificar-se de que nada deixaria pendente no trabalho.

Jéssica sentiu que a única que realmente ficara com vontade de alinhar naquela aventura era Júlia. Era uma mulher com uma vida estável, assim como Luísa, Paloma e Catarina, quer em termos pessoais, quer profissionais. Porém, Júlia era diferente de Luísa, assim como as relações que ambas tinham com os seus parceiros. Júlia e Rodrigo gostavam de viajar, de conviver com os amigos, de sair de vez em quando, mesmo que separados. Já Luísa e o marido, Leonardo, apreciavam um certo isolamento do mundo, evitando a agitação de jantares e eventos nos quais tudo lhes parecia fútil e fora da sua realidade. A família era para eles o mais importante, conservando-se ambos naquela bolha que diziam indestrutível. Por muito que gostassem dos amigos, se estar com eles implicasse significativas horas de ausência daquela bolha em que permaneciam, então recusariam qualquer convite. Das cinco, Luísa

era a única com filhos, pelo que, afinal, nenhuma das amigas insistia com ela para participar nesses convívios.

Jéssica sentia-se frustrada com Luísa e Mel. *Como tinham sido aquelas duas capazes de recusar uma viagem praticamente gratuita?*, pensava. Conseguira arranjar forma de levar as quatro amigas no voo, sendo apenas necessário o pagamento das taxas. Tinha pedido a um dos pilotos, escalado para esse mesmo voo de Las Vegas, para levar uma das suas amigas como acompanhante. Fizera o mesmo pedido a outras três colegas, podendo assim levar as quatro quase de graça.

Pensara em tudo. No hotel, todas se acomodariam na mesma suíte, ou, se necessário, dividiriam as despesas relativas a mais um quarto. O mais certo seria ser só Júlia a alinhar e… teria de rezar para que Catarina não roesse a corda quando lhe contassem o que haviam planeado. Era por estas coisas que Jéssica evitava criar laços. Por muito que tentasse, cada vez mais acreditava que ninguém merecia o seu esforço. Tanto a invejavam pela vida que levava, por ser solteira, como se recusavam a acompanhá-la quando lhes era dada essa oportunidade. Contudo, nada disso importava, pois estava preparada para viver a vida sem sequer precisar de amigos. Ninguém teria capacidade de a magoar, porque ela é que controlava as rédeas da intensidade dos laços que criava. Encarava as pessoas que entravam na sua vida como cavalos que puxavam um coche, assumindo a primazia de ser ela a decidir o caminho.